

## **SOCIEDADE E NATUREZA: “MERCADORIAS DO MUNDO”\***

**Bianca Simoneli de OLIVEIRA\*\***

**Linha de Pesquisa:** Produção do espaço urbano

**Nível:** Doutorado

Desde seus primórdios, o homem tem mantido relações de dependência com a natureza. Sua necessidade de sobrevivência e adaptação fez com que ao longo da história, esse homem evoluísse em suas relações e técnicas, apropriando-se de seu espaço e esquecendo-se que fazia parte do mesmo sistema.

As mudanças que passou a desenvolver no espaço, em escala local, ganhou proporções a partir do séc. XVIII na Europa, quando inicia a Revolução Industrial e se tornam mundiais no séc. XX, com o advento da Revolução Tecnológica. É nesse contexto de Revolução Industrial e imperialismo que a Geografia é estruturada como ciência (século XIX) tendo a Alemanha e a França como berços, atendendo a uma elite que buscava a (re) construção de seus Estados, bem como a ampliação de novas áreas de exploração e comercialização.

Conceitualmente, a complexidade do termo “espaço”, ou seja, o objeto de estudo da Geografia, tem gerado entre os geógrafos e outros especialistas, um acirrado debate sobre esse tema, bem como sobre os métodos. Portanto, neste texto, será abordado o “espaço geográfico” discutido por Milton Santos e definido como “um sistema de objetos e ações”. Tais objetos e ações traduzem-se numa segunda natureza, cujo homem tem criado e recriado incessantemente.

A visão e a percepção desse espaço criado, materializado, traduz-se nas paisagens, em que o mesmo autor (Santos) conceitua como “tudo aquilo que a nossa visão alcança em um determinado momento e lugar”. São estes os pressupostos teóricos que orientarão este texto.

Milton Santos em sua discussão de paisagem nos convida a analisá-la, considerando alguns aspectos relevantes, que denomina de cristalização da paisagem e que seguiremos como eixo:

- a) Relação Homem x Natureza
- b) Relação Natureza x História
- c) Aparência x Essência
- d) Objetividade x Subjetividade

Na relação Homem x Natureza analisamos a maior participação/ação do homem sobre seu meio a partir do momento em que desenvolve técnicas que irão permitir-lhe explorar mais seu espaço, bem como o próprio homem. Surge a escravidão da natureza, surge a escravidão do homem. A visão de natureza integrada é dissociada e é fortalecida cada vez mais a idéia de que o homem não é mais parte da natureza.

Com a Revolução Industrial, a partir do séc. XVIII na Europa, um novo Meio Geográfico passa a ser gestado. A intensificação das técnicas para o uso particular ou comum, a criação de novos espaços de moradia, as novas relações sociais de trabalho, a criação do consumo. Todas as ações tomadas passaram a refletir no espaço geográfico e nas paisagens, evidenciando as novas (e velhas) construções históricas com a natureza, das relações da sociedade com a natureza e da sociedade entre si.

As relações da sociedade na paisagem são analisadas por meio da aparência/essência, que geralmente mascaram contradições, conflitos de classes, interesses desiguais entre homens dito “iguais”. O desenvolvimento industrial tem colocado em xeque as relações homem/natureza e espaço, pois é no espaço que se materializam as contradições, a concentração de renda, a exploração da mais-valia. Ficou evidente que a natureza transformou-se em mercadoria junto com o homem.

---

\* Texto elaborado na prova de seleção para o curso de Pós-Graduação, Doutorado em Geografia, da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP em julho de 2006.

\*\* Doutoranda no curso de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – Presidente Prudente-SP. E-mail: [bsimoneli@bol.com.br](mailto:bsimoneli@bol.com.br).

Pela teoria dos sistemas, que analisa o espaço de uma forma integrada ao homem, verificamos que, por traz dessa aparente integração, onde o homem comanda suas ações no planeta, ele próprio recebe o resultado, seja no aspecto social, seja no aspecto ambiental.

Ou seja, o resultado de ações de uma minoria é sentido por todos. Citamos o exemplo dos Estados Unidos, que, apesar de serem um dos maiores produtores de CO<sub>2</sub> do planeta, rejeitam o Tratado de Kyoto, apóiam normas que proibem e punem os países subdesenvolvidos de poluir e explorar seus próprios recursos e ainda, obrigam o mundo a dividir com eles, os impactos ambientais da camada de Ozônio, localizada sobre a Antártida.

Como vemos, analisar o espaço e a paisagem na essência é de fundamental importância para o geógrafo, visto que a aparência é utilizada pela mídia e por grupos dominantes para manter o “status quo”, manipulando e mascarando informações.

Na leitura da paisagem pode-se também considerar a objetividade e a subjetividade individual, buscando encontrar respostas objetivas, críticas, num ponto de vista em que a percepção individual não seja inserida no contexto, ou partir para um método em que a experiência vivida, percebida do agente do espaço e da paisagem sejam considerados.

Como percebemos, discutir o espaço e suas materializações na paisagem é complexo e ao mesmo tempo atraente. A relação do homem com seu espaço, a busca pela técnica, a industrialização, a modificação sócio-espacial em escala planetária, tem unido e ao mesmo tempo segregado lugares, fortalecendo e abandonado outros.

Cabe aqui o papel da geografia em buscar compreender essas mudanças, os agentes responsáveis, os discursos criados que alienam a população, de propor soluções por meio de gestão e planejamento conjunto. É preciso ser ousado para contradizer os discursos que apóiam a manutenção do capital como algo mais importante que o próprio homem e a natureza, discursos que invalidam a idéia de sustentabilidade por tê-la como empecilho ao desenvolvimento das Nações.